

A TRANSFERÊNCIA DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

Márcia Nardelli Monteiro de Castro

Economista, com pós-graduação em Pedagogia Empresarial

Aluna do Curso de Mestrado em Ciência da Informação da

Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal de Minas Gerais

UFMG (www.eb.ufmg.br)

BRASIL

RESUMO

A preocupação geral quanto ao aspecto democrático da circulação de informação/conhecimento na sociedade contemporânea tem um amplo espaço para discussão.

A informação será abordada a partir da cadeia de comunicação citada por Foskett - Dados / Informação/Conhecimento/Sabedoria. A transferência da informação, embutida neste processo, é discutida em sua dinâmica, seja em termos de suas possibilidades, seja em termos das barreiras com que se defronta.

O inegável poder atribuído à indústria de transferência de informação, que proporciona o efetivo suporte a esta transmissão, também será tratado.

Pretende-se visualizar o processo de comunicação e difusão do conhecimento, tendo o homem como principal elemento e sujeito do processo, ou seja, a transferência da informação sob os aspectos humanistas, sociais e ideológicos.

Introdução

Hoje, na segunda metade dos anos 90, a maioria de nós já está consciente da mudança de paradigma pela qual passa a sociedade, processo iniciado nos últimos anos da década de 50. O novo modelo que se apresenta, neste fim de século, está baseado na informatização, com o suporte da tecnologia de telecomunicações. A economia mundial caracteriza-se pela globalização, e a mão-de-obra e a matéria-prima, tradicionais fatores de produção, foram, decisivamente, relegados a um segundo plano, tendo em vista a intensiva utilização da tecnologia. Além disto, estamos presenciando um acentuado deslocamento das atividades ligadas aos setores primário e secundário para o setor de serviços, com ênfase na educação e informação, ou seja, na produção e difusão do conhecimento. Estima-se que, no ano 2000, 75% da força de trabalho estarão envolvidas com a prestação de serviços, sendo 65% em atividades ligadas diretamente à educação e informação.¹

Outra mudança que já se faz perceptível é o deslocamento do poder da classe política tradicional para as grandes corporações. As empresas que gerenciam as telecomunicações têm alargado seu poder na sociedade da informação, assim como aquelas que dominam a tecnologia computacional. Há uma concentração cada vez maior do poder econômico em um número menor de empresas. A crescente importância econômica, política e cultural da informação nos leva à discussão sobre as telecomunicações, uma vez que transportá-la de maneira eficiente e com qualidade tornou-se fator decisivo no funcionamento da economia e da sociedade. O setor de telecomunicação é considerado um dos melhores empreendimentos da atualidade, sendo apontado pelos especialistas como o mais dinâmico negócio do futuro. Estima-se que 40% da riqueza do mundo tráfegarão pelos meios de comunicação. Não é por acaso que nos últimos anos esteja ocorrendo, mundialmente, uma radical mudança na gestão das telecomunicações. Através de fusões de grandes empresas produtoras e

transportadoras de informação, estes novos megaconglomerados multimídias apropriam-se da informação e do fluxo comunicacional das sociedades, com o poder de decisão quanto ao conteúdo a ser transportado, comprometendo o acesso livre à informação pública. O domínio do setor guarda, portanto, estreita relação com o desenvolvimento e a soberania dos países. Neste contexto é que teremos de investigar o processo de “transferência da informação”, ou seja, a partir do reconhecimento do lugar que a informação/conhecimento ocupa nas sociedades e compreendendo o setor de telecomunicações, seu papel e sua distribuição no mercado mundial.

As Telecomunicações e a Transferência da Informação

O atual processo mundial de transformação do setor de telecomunicações acaba com o monopólio estatal, que vigorou até os anos 80, nos países desenvolvidos. Em seu livro *A lógica do capital informação*, Marcos Dantas², ao analisar as comunicações neste fim de século, mostra que, no novo modelo, ao invés da competição, ocorre a fragmentação dos monopólios e a monopolização dos fragmentos, através de parcerias entre empresas transnacionais, expandindo a força das corporações que controlam o transporte e o processamento das informações. Mesmo com a quebra do monopólio, os países desenvolvidos garantiram, através de mecanismos políticos e legais, salvaguardas sociais, de modo a manter o atendimento público universal e o acesso de toda sociedade aos novos serviços, baseados em tecnologias avançadas. As antigas entidades monopolistas públicas européias, por sua vez, mantiveram-se sob controle estatal, sendo transformadas em poderosas empresas atuando internacionalmente. Nos EUA, a Lei das Telecomunicações (Telecommunications

¹LONGO, W.P., BRICK, E.S. *Entraves ao acesso à tecnologia* - PROTAP - 20º ciclo. Programa Modular - Transferência de tecnologia e Inovação. São Paulo, p.5.

² DANTAS, Marcos. *A Lógica do Capital Informação*. Rio de Janeiro. Editora Contraponto, 1996

Act), aprovada em janeiro de 1996, passou a permitir a propriedade cruzada (cross ownership) de empresas de informação e comunicação. Desde então, fusões e alianças vêm ocorrendo, envolvendo empresas jornalísticas, cinematográficas, televisivas e editoras, agregando conhecimentos tecnológicos e mercadológicos específicos de cada uma, com um aumento da concentração de poder para estes conglomerados, uma vez que passam a ser produtores e transportadores das informações. Isto permite, nos mostra o autor, que as redes transportem apenas as informações valorizadas pela lógica do capital. Conforme abordado no livro, desde a introdução dos cabos telefônicos, até as mais modernas revoluções tecnológicas como a microeletrônica, os satélites, os computadores e as tecnologias que exploram o princípio digital, a integração das pessoas com os fornecedores de bens e serviços tem sido crescente, configurando um desenvolvido *mercado rede*. Estas inovações decorrem do esforço tecnológico orientado para o aprimoramento do transporte da informação, através de investimentos pelo setor privado e estatal. O processo de produção deslocou-se das fábricas para outros espaços (locais de entretenimento, residências, escolas, ruas), sendo a cultura integrada à produção material capitalista. A indústria cultural tornou-se uma nova frente de acumulação de riqueza, através da venda de equipamentos ou da formação de novos hábitos na sociedade, organizando-a na geração e consumo de bens com valores simbólicos.

Apesar da importância do tema, o **Encontro das Américas**, realizado em maio deste ano em Belo Horizonte, não reservou espaço para a discussão das telecomunicações. Entretanto, no **Fórum Paralelo Nossa América**, organizado pelos sindicato dos trabalhadores, o tema Telecomunicações, Desenvolvimento e Democracia foi debatido, visando analisar a perspectiva de privatização da TELEBRAS - *holding* estatal brasileira em telecomunicações - tendo em vista o jogo competitivo global. Estatais latino-americanas foram liquidadas, como a *Telmex* mexicana, que teve seu controle assumido pela *France Télécom* e a *SW Bell*. As operadoras telefônicas do Chile, da Venezuela e do Peru tiveram o controle assumido pela *Telefónica de España*, sozinha ou em sociedade com algumas

empresas americanas (*Bells*). O sistema de telecomunicações da Argentina também foi dividido em dois, sendo que metade foi vendida a uma associação entre a *France Télécom* e a *STET* italiana e outra metade para a *Telefónica de España*. Conforme explicitado pelo jornalista Marcos Dantas, em palestra proferida no seminário do **Fórum Paralelo Nossa América**, o controle mundial do setor de telecomunicações está concentrado em um número reduzido de empresas (em torno de 20), o que mostra a urgência do debate sobre o papel e as possibilidades econômicas e políticas da TELEBRAS³ para o caso brasileiro, evitando que seja liquidada como outras estatais da América Latina. O que se reivindicou no *Fórum Paralelo* através de uma *Carta Aberta* à população foi a constituição de uma empresa única de telecomunicações no Brasil, com uma regulamentação nas comunicações que

assegure regras justas de competição, além de garantir a universalização dos serviços e a democratização do acesso à informação, atendendo a carências da sociedade brasileira, como educação e saúde.

Entendendo que as telecomunicações não devem ser percebidas como um mero problema da relação telefone por habitante, Dantas expõe em seu livro, como os meios sociotécnicos de comunicação tornaram-se instrumentos de conformação ideológica dos povos (ou nações), através do cumprimento de suas funções sociais e econômicas.

³ O sistema TELEBRAS, criado em 1972 para exploração de serviços telefônicos, telegráficos, de transmissão de dados, é o maior sistema de telecomunicações da América Latina. Em 1992, era o 12º sistema do mundo, contando com 28 empresas operadoras. O controle acionário das empresas do sistema é exercido pela TELEBRAS, em nome da União, mas as empresas são abertas à participação de capitais privados, e a formação de seu capital social é uma das mais democráticas do mundo. Dados registrados no livro *Privatização das Telecomunicações*, do especialista em aspectos jurídicos do setor de telecomunicações, Gaspar Vianna, demonstram que o sistema, em 1992 era formado por mais de seis milhões de acionistas particulares, tendo a União Federal o controle do capital, com 57,59% das ações ordinárias, enquanto que os acionistas particulares detinham 99,94% das ações preferenciais

Bertold Brecht, lembra Dantas, vislumbrou a possibilidade de, a partir do rádio, se instaurar uma assembleia popular permanente, através do intercâmbio político e cultural entre os indivíduos, mas a transformação do rádio e de outros meios de comunicação em instrumentos de poder não permitiu a realização do sonho brechtiano. O autor sugere que com as novas tecnologias de comunicação disponíveis, surge uma nova oportunidade para a organização das forças democráticas e que a discussão da telemática, se faz necessária na medida em que, ao invés de permitir uma direção democrática, pode transformar-se em novos instrumentos de dominação e exclusão.

O potencial de transformação social presente nas inovações tecnológicas dos meios de comunicação, que permitirem a ampla disseminação/transferência da informação na sociedade, também foi pontuado por Benjamin, no ensaio *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*, e por Lyotard, no livro *A condição pós-moderna*, no qual discute o papel da informatização nas sociedades, mostrando como esta afeta a circulação de conhecimento. Estas análises serão abordadas a seguir, tendo como referência o cadeia de comunicação de Fosskett.

A Transferência de Informação e Comunicação

Partindo do conceito de comunicação enquanto desejo de um indivíduo ou grupo de indivíduos de transmitir uma mensagem cujo conteúdo teria significado para outras pessoas, e que a civilização dependeria de registros (informação) que possibilitassem que idéias e pensamentos humanos fossem transcendidos no espaço e no tempo, ou seja, que a memória social fosse preservada, Fosskett⁴ propõe a seguinte visão do processo de comunicação:

Universo dos Fenômenos - Dados - Informação - Conhecimento - Sabedoria

⁴FOSKETT, D.J. *Communication Chain. The Information Environment: A World View*. University College, London, 1990.

O autor chama a atenção para o fato de que muitos problemas de conceituação surgem pela não identificação e distinção entre os quatro níveis da cadeia (dado, informação, conhecimento, sabedoria), além da omissão da sabedoria pela maioria das pessoas. No esquema de Foskett, na base da cadeia estaria o *universo dos fenômenos*, fonte primária de toda experiência. Através de percepções e sensações, o organismo humano, ao interagir com o ambiente, geraria significados, ou seja, *dados*, que seriam as matérias-primas com as quais a mente humana trabalharia para produzir informação. Interessante notar que na sociedade pós-industrial, a informação, através dos meios de comunicação, é que mediatiza o processo de apreensão da realidade, dificultando uma relação ativa com o real.⁵ E, segundo Lyotard, a natureza para o homem pós-moderno são os Bancos de Dados.⁶ A *informação*, conceituada por Foskett, seria gerada a partir da organização dos dados em uma estrutura coerente, consolidando um significado para a prática humana. As informações se constituiriam em sistemas de significado, podendo ser comunicados pelos meios disponíveis e entendidos por outras pessoas, ao contrário das sensações básicas. Em consonância com Legroux⁷, a informação seria exterior ao sujeito, não tendo sido transformada ainda pela experiência pessoal. Nesse sentido, para ambos os autores, o *conhecimento* compreenderia a assimilação de informação pela mente humana, uma vez que somos capazes de, através da experiência prática, transformar sensações em pensamentos estruturados, percepções em conceitos. Em resumo: “*Knowledge is what I know; Information is what we know*”. A cadeia de comunicação introduz o elemento social em direção à *sabedoria*, definida pelo autor como sendo a acumulação de informação social e pessoal. Consistiria, portanto, no conhecimento coletivo de uma comunidade de indivíduos, ou seja, nos conhecimentos individuais enriquecidos pelas suas vidas na comunidade, e colocados em prática, ao se tomar uma decisão. A sabedoria estaria fundamentada em um amplo conhecimento e em uma

⁵MARTELETO, Regina Maria. *Informação: Elemento regulador dos sistemas, fator de mudança social ou fenômeno pós-moderno? Ciência da Informação*, Brasília, v.16, n.2, p. 169-180, jul./dez.1987

⁶LYOTARD, J. F. *A condição Pós Moderna*. Lisboa: Gradiva, 1989. p.105

profunda compreensão de todos os aspectos de vida na comunidade. Ressalta, entretanto, que sendo a sabedoria uma *qualidade social* ela não poderia ser alcançada simplesmente a partir da interação do homem com a máquina, independente de como esta possa contribuir para armazenar a informação.

Com respeito à sabedoria, Walter Benjamin⁸, no ensaio *O Narrador*, a reconhece como em extinção, uma vez que a arte de narrar está definhando. Conforme afirma, são cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar, fazendo-nos crer que perdemos a faculdade de intercambiar experiências, que seria a fonte de toda narrativa. A verdadeira narrativa tem uma dimensão utilitária, seja como um ensinamento moral, ou como uma questão prática, e o narrador é percebido como um homem que sabe dar conselhos. Entretanto, uma vez que as experiências deixaram de ser comunicáveis, dar conselhos hoje parece antiquado. [...]. *O conselho, tecido na substância viva da existência tem um nome: sabedoria.* A exclusão da narrativa do discurso vivo ocorre com a evolução secular das forças produtivas. De acordo com o autor, a informação, nova forma de comunicação, é contraposta à narrativa, sendo-lhe totalmente estranha. Na narrativa não haveria interesse em transmitir o “puro em si” da coisa narrada e a validade e autoridade não seriam questionadas. Nas palavras de Benjamin: “assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso.” Por outro lado, constata, a informação precisa ser plausível, aspirando a uma verificação imediata, e por isto ela é incompatível com o espírito da narrativa. Outra incompatibilidade estaria no que se refere ao aspecto de novidade, que tem alto valor para a informação, enquanto que a narrativa, depois de muito tempo, ainda é capaz de surpreender e desenvolver-se. O autor mostra que apesar da abundância de informações somos pobres em histórias surpreendentes.

⁷Cf. MARTELETO, Regina Maria, op.cit.

⁸BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985 (*Obras Escolhidas*)

Neste ensaio, Walter Benjamin assume uma postura nostálgica, não mencionando o potencial de

transformação social que pode ser proposto pelos novos canais de comunicação. Entendendo que, apesar de não ter mais espaço para este tipo de narrativa, uma vez que a ampla difusão da informação através de sons e imagens constitui um fator decisivo em seu declínio, ela, de todo modo, nos remete à reflexão acerca do quanto a informação e sua velocidade de circulação nos reserva um contexto em que somos privados da troca de experiência entre as pessoas, sendo os meios de comunicação inseridos entre nós e o mundo. Os novos canais de comunicação gerados com as transformações tecnológicas são intensamente utilizados, tanto na produção como na transferência de conhecimentos. Nesse sentido, em um ensaio posterior denominado “*A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica*”, Walter Benjamin⁹ aborda os recursos técnicos (fotografia, cinema e outros) que possibilitam a reprodução das obras de arte (música, quadros) em outros espaços, além daqueles em que elas se encontram, permitindo uma aproximação das mesmas com os indivíduos. Nesse processo, analisa, a obra de arte perde sua aura, ou seja, a sua unicidade, durabilidade e autenticidade são substituídas pela existência serial, a transitoriedade e a repetibilidade. Benjamin, ao demonstrar que a reprodução técnica de uma obra, aproxima-a do indivíduo, seja sob a forma de fotografia ou de disco, provoca a reflexão sobre a mudança social proporcionada pelas tecnologias, em termos de disseminação e do acesso a bens e informações que antes eram restritos a poucas pessoas. A constatação do autor de que “fazer as coisas ficarem mais próximas é uma constante preocupação, ficando cada dia mais irresistível a necessidade de possuir o objeto, de tão perto quanto possível, na imagem, ou antes, na sua cópia”, coloca-nos de frente a um terminal de computador, em que o principal objetivo é trazer para perto de nós, tão próxima quanto possível, a informação, a obra de arte, as mensagens sonoras, visuais e escritas, possibilitando e buscando um contato contínuo e instantâneo com todo o mundo. Da mesma forma que a obra de arte perde sua aura ao ser copiada e trazida para perto dos indivíduos, o que ocorre é que as informações,

⁹ BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985 (*Obras Escolhidas*)

cada vez mais reproduzíveis e disponíveis através dos canais de comunicações, perdem também a sua aura e o seu impacto, atingindo um número crescente de pessoas.

Lyotard¹⁰ também discute sobre o decisivo papel das tecnologias de comunicação na sociedade pós-moderna. Para o autor “o ser humano está sempre, jovem ou velho, homem ou mulher, rico ou pobre, situado em “nós” de circuitos de comunicação, nem que sejam ínfimos.” Ao abordar o saber nas sociedades mais desenvolvidas ressalta que as transformações tecnológicas afetam e afetarão a investigação e a transmissão de conhecimentos, que deverão ser traduzidos em “bits” para passar pelos novos canais de comunicação. Segundo o francês, a sociedade busca o princípio da performatividade ou seja, a garantia da eficácia, gerando um maior output através de um menor input. A informatização pode, por um lado, orientar-se, exclusivamente, por este princípio, que passa, necessariamente pela produção, memorização, acessibilidade e operacionalidade das informações. O domínio, portanto, da tecnologia e do acesso às informações torna-se decisivo na otimização da performance do sistema. Por outro lado, analisa Lyotard, a informatização poderia orientar-se para uma política na qual seja “respeitado o desejo de justiça”, ao possibilitar o livre acesso do público às memórias e bancos de dados.

Conclusão

Uma vez que a compreensão das relações sociais não podem ser tomadas apenas por uma tradicional teoria de comunicação envolvendo emissor/mensagem/receptor, esta maneira de olhar o fenômeno da informação, compreendendo-o não de uma maneira estática, mas tomando-o em uma cadeia de comunicação social como no modelo de Foskett, nos parece interessante, mas não suficiente, pois

¹⁰ LYOTARD, J.F.. **A condição Pós Moderna**. Lisboa: Gradiva, 1989

persiste uma linearidade que reduz a complexidade com que o vínculo social se depara no mundo pós-moderno, além de não evidenciar a possível entropia presente no sistema. Entretanto o modelo de comunicação apresentado é importante enquanto referência para a discussão da transferência da informação, uma vez que nos permite visualizar movimento social em torno da informação, além de trazer conceitos de relevância, envolvidos no ato desta transferência, tais como o papel dos computadores, a relação dos homens com a informação, os meios de comunicação, o conhecimento, a sabedoria, a troca de experiências, etc.

A globalização impõe uma reestruturação produtiva utilizando largamente o trabalho informacional, enquanto que na economia a acumulação de capital se dá com ganhos financeiros na troca de papéis/informações. O conceito de cultura e a própria percepção do homem no mundo, são padrões que estão sendo, conseqüentemente, modificados na sociedade da informação. Vivemos a cultura do consumo, comprometendo as noções de identidade, território e nação. As telecomunicações, fundamentais no novo paradigma desta sociedade, mas concentradas em apenas alguns poucos grupos econômicos, colocam em risco a formação do homem e sua concepção de mundo.

Dentro destas questões da contemporaneidade, Miguel Alemán Velasco, alto executivo do sistema TELEVISA, do México, e estudioso da comunicação, em recente palestra¹¹, declarou-se contrário à opinião de que as telecomunicações e a informática levam a uma desumanização da nova “geração digital”. Ao contrário, acredita, a telemática nos alargará ainda mais o espírito e o humanismo, uma vez que são instrumentos tanto para negócios quanto para conhecimento, ao distribuírem os bens da educação e do trabalho a todos os povos, atingindo nações antes excluídas do desenvolvimento econômico e social. Para o mexicano, além de evoluirmos na técnica e na ciência, também evoluímos nas idéias e na cultura. Além do mais, o computador não substituirá o cérebro e a inteligência,

¹¹ Cf. MARZAGÃO, Augusto. O século da comunicação. *Folha de São Paulo*, 30 de maio de 1997.

concepção e a materialização de idéias continuam sendo possíveis somente através do homem. Compartilhando do otimismo e esperança de Alemán quanto ao futuro, Marzagão nos convida a mergulhar fundo, sem nenhum receio, na sociedade do conhecimento. Para o jornalista “os satélites de comunicação não são deuses nem astros, mas lá de cima, esparzirão luzes de sabedoria, trazendo os homens de suas últimas cavernas para o sol da solidariedade e da felicidade universais”.

De todo modo, continua em aberto a questão do acesso às informações. A possibilidade das sociedades conseguirem minimizar a inexorável entropia que permeia todo o fluxo de comunicação, desde a observação do universo dos fenômenos, até a utópica sabedoria social, estará na capacidade de fornecer respostas e de articular as forças democráticas, na tentativa de superar as barreiras presentes na transferência de informação/conhecimento da sociedade contemporânea. Torna-se imprescindível desenvolver mecanismos legais e políticos que assegurem o acesso democrático às informações, evitando, deste modo, a hecatombe e a barbárie da injustiça e exclusão social que podem advir e se intensificar a partir da utilização das novas tecnologias de comunicação. As considerações acima referem-se, especialmente, aos países do Terceiro Mundo, aos quais faltam as efetivas condições de participação na sociedade do conhecimento.

Abaixo, as palavras de Pierre Lévy¹² se coadunam, com tantas outras que são emanadas com aguçada percepção do momento de gestação de um novo patamar na experiência humana:

“Uma coisa é certa: vivemos hoje em uma destas épocas limítrofes na qual toda a antiga ordem das representações e dos saberes oscila para dar lugar a imaginários, modos de conhecimento e estilos de regulação social ainda pouco estabilizados. Vivemos um destes raros momentos em que, a partir de uma nova configuração técnica, quer dizer, de uma nova relação com o cosmos, um novo estilo de humanidade é inventado.”

¹²LÉVY, Pierre. *As tecnologias da Inteligência. O futuro do Pensamento na Era da Informática*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993, p.17.